

TEXTO DRAMÁTICO NO LDP: UM TRABALHO COM O TEXTO “*DUPLO ASSALTO*”

ARRUDA, Aline Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande
SILVA, Josimar Alves da
Universidade Federal de Campina Grande

INTRODUÇÃO

O texto literário considera sua linguagem subjetiva e ao mesmo tempo plurissignificativa, uma vez que não importa o que vai ser proferido, mas sim a forma, o modo como será enunciado. Assim, um autor apresenta mensagens as mais variadas encaixando dentro de conteúdos, lançando mão dos diversos recursos, produzindo gêneros diversos com situações inusitadas, ações estapafúrdias e personagens com pensamentos controversos.

Deste modo, a literatura transcende o ser através da arte e o humaniza sobejamente. Deste modo, expressamos reconditamente nossos sentimentos os mais diversos, eclodindo numa reflexão histórica e social. Para Moisés (1967, pg. 124) “a literatura se concebe como uma série de documentos escritos”. Logo, podemos dizer que literatura é a arte da palavra que reflete o ser no mundo.

Neste sentido, o texto dramático é um gênero literário que sensibiliza por meio da linguagem, pois a sociedade é representada em si mesma. Na sala de aula, os alunos genericamente conhecem esse gênero por meio do teatro, especificamente pela encenação, quando assistem a uma peça através de uma casa de espetáculos. Importante frisar que ao terem contato com o Livro Didático de Português (LDP) eles efetivam o acesso, conhecem o texto escrito, contudo esse contato é na maioria das vezes deficitário, pois na sua abordagem o gênero é muitas vezes apresentado de forma superficial e até grotesca, haja vista que não apresenta o texto dramático como um gênero textual válido no ensino/aprendizagem. Além disso, os professores muitas vezes não tem conhecimento ou não sabem como abordar o gênero, e dão aulas esporádicas.

Nesta perspectiva, analisamos as propostas de atividades destinadas à exploração da leitura e da produção textual do texto dramático “*Duplo assalto*”, de Max Nunes, no livro Português Ideias & linguagens de Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro, da editora Saraiva, 2009; aduzimos aos docentes na formação a importância da sequência didática, com o texto dramático; bem como apresentamos uma proposta de atividade de trabalho em sala de aula, com o texto estudado, conjecturando a recepção dos discentes. Para tanto, nos fundamentamos em Soares (2007), Pinheiro (2005) e Moisés (1967), nas contribuições do

estudo do texto literário em sala de aula; Boal (2000), Dominguez (1978) e Reverbel (1993) no construto do teatro na educação, dentre outros autores que pesquisam e discorrem sobre o estudo e ensino da literatura.

COGITAÇÕES REFERENTES AO TEXTO DRAMÁTICO

O texto dramático tem produzido efeitos comunicacionais entre as pessoas na sociedade, haja vista que é um gênero que critica, denuncia ou enaltece temas relevantes dando voz e vez ao ser sociável. Assim, o professor em sala de aula traz a guisa de informações uma série atribuições para a turma, fazendo com que os alunos possam se aperfeiçoar na habilidade de se expressar, bem como facilita as relações interpessoais principalmente quando se trabalha através dos jogos dramáticos. Como afirmam os PCNs de Artes (1998, p.88-89) “A tematização do texto dramático inicia-se no plano sensório-corporal, por meio da experimentação com gestos e atitudes”. Neste sentido, levar o texto dramático para o processo pedagógico é na verdade um estímulo, a leitura e a escrita, bem como a socialização entre os alunos.

Sabedores da importância do texto dramático na sala de aula, há na verdade certo desconhecimento por parte dos docentes, uma vez que não tiveram formação suficiente e assim negligenciam a presença do gênero dramático, sendo prática recorrente nas escolas públicas do país. Como levar aos alunos um gênero que está no cotidiano, se a maioria dos professores não tem conhecimento? Não podemos esquecer que existe também um desinteresse de alguns docentes que não incluem o gênero no seu planejamento, por acharem menor, sem importância para o processo ensino/aprendizagem e quando o fazem limitam-se a fragmentos minúsculos esquecendo sua força enquanto gênero literário.

Assim, é imprescindível que os professores procurem, capacitem-se com estudos e pesquisas na área deste gênero, pois o que o LDP proporciona é muito pouco, para que possam encontrar propostas mais acentuadas e levem para a sala de aula efetivando uma maior interação entre os alunos. Para Soares (2007, p.59) “o dramático, como indica a própria origem da palavra é ação. Por isso, o mundo nele representado (pois o texto dramático se completa na representação) apresenta-se como se existisse por si mesmo...”. Neste sentido, é imprescindível ressaltar que o docente ao levar o texto dramático não precisa focar na encenação propriamente, e pode sim com o objetivo da transposição didática em que o aluno ficará mais íntimo do texto pela representação do mesmo, através da mediação sugerida em sala de aula.

Nesta perspectiva, o que o professor pode fazer quando tem em mãos apenas o livro didático? O LDP não deve ser apenas e somente o único instrumento de trabalho, pois além dele o docente poderá usar a sequência didática propagada por Schneuwly e Dolz (2004) que propõe ao docente a esquematização do conteúdo a ser trabalhado, de modo que o corpo discente possa realizar o estudo de um gênero durante um determinado período concretizando com sua produção ao final como prova do que compreendeu.

É através da elaboração de atividades diversas na sequência didática que os alunos receberão informações mais pertinentes ao gênero estudado, ou seja, ao gênero dramático e assim, o professor tem a liberdade de organizar através da sua pesquisa informações relevantes e acompanhará com atividades de compreensão e interpretação na escrita e leitura do gênero, utilizando a linguagem em diversos ambientes sociais.

TEXTO DRAMÁTICO: UMA ANÁLISE NO LDP

O Livro Didático de Português (LDP) vem sendo estudado, criticado, bem como analisado por vários estudiosos a cerca da escrita, compreensão, interpretação, leitura e produção textual em sala da aula. Concordamos que o trabalho com o texto dramático com os alunos é imprescindível para formação, bem como para o alargamento de habilidades e competências nos alunos, possibilitando uma interação maior entre eles no decurso do ensino e aprendizagem.

Assim, observamos a abordagem do gênero dramático, através do texto “Duplo Assalto” enquanto suporte para docentes e discentes, presente na coleção Português: Ideias & linguagens, 8º ano, da editora Saraiva, ano 2009, que tem a responsabilidade da profa. Ms. Dileta Delmanto e da profa. Maria da Conceição Castro e tem sido adotada nos últimos anos nas escolas públicas paraibanas.

Vamos nos deter na realização da análise da Unidade I: Quem ri por último... Observamos os tópicos e focalizaremos no processo de escrita, leitura, ensino e aprendizagem. Essa unidade apresenta de modo súbito o gênero dramático misturada com outros gêneros, a saber: humorístico, fábula, fílmico, etc.

A unidade começa com dois cartazes do salão internacional de humor de Piracicaba/SP. Depois, apresenta conceitos sobre humor de três autores (M. Bentempelli, L. Folgore e Mark Twain). Posteriormente, um questionário intitulado “primeiras palavras” para saber se o aluno compreendeu o que viu. Em seguida, o primeiro texto – *Duplo Assalto* (objeto da nossa análise) propondo itens como: leitura, construindo e reconstruindo os sentidos do texto, o tecido do texto, a linguagem do texto. Após esse seguimento, surge o

segundo texto – a fábula do leão e dos bêbados, de Lourenço Diaféria, propondo leitura, trabalhando com o texto, refletindo, produção de texto, usando outras linguagens, estudo da língua, questões de escrita e leia mais; A unidade finaliza com o terceiro texto – A gargalhada vem do ridículo, de Mario Viana, divirta-se, sugestões e desafio.

Interessante citar que após a leitura verbal e não verbal dos cartazes do salão de humor de Piracicada/SP, as autoras abordam o gênero dramático após a leitura do texto *Duplo assalto* com o tópico ‘construindo e reconstruindo os sentidos do texto’, com uma microintrodução e em seguida, duas perguntas:

Duplo assalto é segundo o próprio autor, uma pecinha policial. É, portanto, um texto dramático, isto é, escrito para ser representado.

1. Como em outros gêneros que utilizam a narração (conto, fábula, lenda, etc.), na cena do “duplo assalto” também é narrada uma história, aparecem personagens, que atuam num determinado tempo e lugar. a) Onde acontece a cena? b) Quem são os personagens? c) O que acontece de inusitado no texto? d) Qual o desfecho de tão singular ocorrência? e) Você saberia calcular, aproximadamente, o tempo de duração da cena.

2. Releia a última fala do texto. a) Isoladamente, fora do contexto, essa frase seria considerada verdadeira ou absurda? Explique. b) No texto, a frase parece incoerente? Justifique.

(DELMANTO & CASTRO, 2009, p.11)

Podemos perceber que o aluno terá dificuldade em responder algumas dessas questões principalmente quando chegamos à alternativa ‘e’ que pede para o aluno calcular o tempo da cena. Mas as autoras não se deram por satisfeitas e seguem na página seguinte, com o ‘tecido do texto’, solicitando a resposta para quatro perguntas:

1. Há algum narrador no texto? Explique o porquê dessa opção.

2. Como o texto dramático é escrito para ser representado num palco, por atores que “encarnarão” as personagens, o que é necessário para que os espectadores: a) Entendam onde se passa a ação? b) Entendam a história? c) Entendam quem são as personagens?

3. No texto teatral escrito, como é possível: a) saber a quem pertence as falas? b) saber como as personagens devem falar ou andar?

4. Entre os diferentes recursos para provocar humor, copie em seu caderno, quais foram utilizados pelo autor no texto *Duplo assalto*. a) Final inesperado, surpreendente. b) Uso de linguagem inadequada à(s) personagem (ns).

c) Exploração de situações inusitadas. d) Quebra da expectativa do leitor. e) Uso de termos de duplo sentido. f) Inadequação entre título e texto. (DELMANTO & CASTRO, 2009, p.12)

Acreditamos que essas questões são difíceis de responder, pois se o aluno está tendo contato pela primeira vez com o texto dramático, como será possível dizer o porquê da não presença de um narrador? Quem disse que todo texto dramático necessariamente é encenado num palco? Sem informações, sem pesquisa, sem jogo dramático, como os alunos poderão inferir que as personagens falam de um jeito e andam de uma forma A ou B? Como podemos chamar a atenção dos alunos para um possível teatro/educação? Segundo Dominguez (1978, p.104) “O teatro na educação é mais amplo. Atinge vários grupos, diferentes faixas etárias e está gerando diferentes projetos de trabalho, dentro ou fora da instituição escolar”. Deste modo, é preciso ressignificar a prática docente levando o gênero dramático ao aluno para que ele possa ir além-fronteiras.

No tópico ‘a linguagem do texto’ centraliza em pesquisa no dicionário e não acrescenta em nada ao gênero estudado.

Precisamos respirar fundo, a unidade prossegue com o texto – *a fábula do leão e dos bêbados*, de Lourenço Diaféria, propondo a leitura, em seguida, o tópico ‘trabalhando com o texto’ solicitando a resposta de dez questões que mesclam entre compreensão textual e análise linguística. Depois, temos o tópico ‘refletindo’ que centraliza em informações referentes aos programas humorísticos do rádio e da televisão e no item ‘o texto humorístico’ apresenta a leitura de alguns gêneros que se valem de humor: poema, narrativa de humor negro, propaganda, cartaz, cartum, história em quadrinhos, tira, anedotas, flagrante do cotidiano e epitáfios, surge mais um tópico ‘usando outras linguagens’: vitrina do humor que pede para que os alunos organizem no mural da classe ou da escola uma exposição de texto de humor e em seguida, solicita uma produção textual.

O impressionante é a solicitação dessa produção textual, parece inacreditável, mas é verdade, as autoras focam no gênero fábula, depois retomam o gênero humorístico e solicitam a produção para o texto dramático, da seguinte forma:

Aproveitem o que vimos sobre texto teatral escrito e sobre recursos que provocam humor (...). Para reescrever a história como peça teatral, não se esqueçam de: substituir o narrador por ações e diálogos; indicar e caracterizar o cenário, acrescentando detalhes que julgar importantes para que se possa imaginar o local em que os fatos acontecem; indicar nomes das personagens e descrever suas ações e

reações, antes de reproduzir as falas, usando rubricas (informações entre parênteses, como as que aparecem no texto 1, que serve para indicar como as personagens devem falar e se movimentar em cena). (DELMANTO & CASTRO, 2009, p.23).

Várias indagações aparecem a partir da solicitação dessa produção textual: o que foi realmente apresentado sobre o ‘texto teatral escrito’? Por que uma peça não pode ter narrador? Como um aluno pode indicar e caracterizar um cenário da sua produção se está tendo contato pela primeira vez com o gênero dramático? Será realmente possível para uma turma indicar nomes de personagens e indicar ações e reações tendo contato apenas com um texto dramático? Por que as autoras não deram prosseguimento ao texto *Duplo assalto*, ou seja, não apresentaram outro texto dramático?

Depois, há um ‘roteiro para a leitura do texto de um colega’ fazendo distinção entre o texto dramatizado e o texto escrito:

Texto dramatizado: a cada apresentação de uma cena, a classe deverá observar se: os colegas estavam bem seguros de suas falas (...); Texto escrito: depois das apresentações, os alunos deverão trocar os textos entre si, observando se os colegas seguiram as convenções necessárias à produção de um texto teatral escrito. Devem verificar se: dispensaram o narrador, substituindo-o por diálogos, ações e/ou rubricas; colocaram os nomes das personagens diante de cada fala; indicaram como as personagens devem agir, falar e se movimentar em cena, usando rubricas esclarecedoras; a linguagem utilizada estava de acordo com a situação enfocada e com as personagens que a vivenciaram. (DELMANTO & CASTRO, 2009, p.23).

Percebemos que a proposta da produção é totalmente dissociada ao texto dramático, bem como não há subsídios que auxiliem o aluno para realizar com êxito a solicitação, haja vista que, as informações apresentadas em relação ao gênero são mínimas. Para Reverbel (1993) “para que o aluno se expresse é preciso, antes de tudo, que seja respeitada a sua liberdade”. Evidente que o LDP é um suporte para o docente, mas deixar de apresentar informações mais precisas sobre o texto dramático é complicar a vida do aluno. Além do mais, sabemos que para que os discentes possam realizar uma produção textual a contento, eles devem ter um contato esmerado com o texto, eles precisam ter liberdade.

Mas as autoras sugerem a leitura dramatizada, não seria uma alternativa positiva? Poderia ser, se elas tivessem dado mais bagagem para a turma, no entanto elas confundem

quando apresentam a distinção entre texto dramatizado e texto escrito, o que na verdade é lamentável, pois a leitura dramatizada com certeza iria facilitar o contato do texto dramático com os alunos dando-lhes mais compreensão e informações do texto em mãos. Segundo Boal:

O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver – ver-se em situação. Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: EU observador, EU em situação, e o Não-EU, isto é, o OUTRO. (...) Esta é a essência do teatro: o ser humano que se auto-observa. (BOAL, 2000, p.10).

Neste sentido, quais são as possibilidades que o LDP está dando aos alunos para poderem observar, criar, descobrir? Como os alunos vão poder usar o texto dramático, vão teatralizar se estão impedidos por uma orientação errônea? E se o professor não tiver conhecimento e resolver realizar a distinção entre texto dramatizado e texto escrito proposto pelas autoras que trauma poderá causar?

Mas a unidade I ainda não terminou, ainda há os ‘termos da oração: sujeito e predicado’, ‘estudo do sujeito – verbos impessoais’. Não vamos nos deter em analisá-los. Em seguida, surge o terceiro e último texto: “A gargalhada vem do ridículo”, de Mário Viana. Depois, um tópico ‘divirta-se’: “se você for inteligente responda: (...) se o vinho é líquido, como pode existir vinho seco???”. (DELMANTO & CASTRO, 2009, p.32). Não entendemos o que as escritoras queriam ao colocar esse tópico.

Para concluir a unidade I, aparece o item ‘sugestões’: contos organizados pelas ed. Moderna e Scipione; Crônicas de Stanislaw Ponte Preta, pela ed. Ática. O auto da compadecida, de Ariano Suassuna, pela ed. Agir, e o Caminho das pedras, de Eliana Martins e Rosana Rios, pela Cia das Letras. A unidade finaliza com o tópico ‘desafio’: “Qual o nome do filme? (...) O filho e o pai se despediram rapidamente. Qual o nome do filme? Resposta: Tchau pai, tchau filho”. (DELMANTO & CASTRO, 2009, p.33).

A sugestão de Ariano Suassuna é digna de parabéns, mas será que o aluno que mal teve contato com o texto dramático vai se interessar em ler a peça? Ou será que ele vai se interessar em ver o filme e depois se sentirá estimulado para conhecer o texto? O tópico final ‘desafio’ em nada contribui, não há nenhuma ligação com a unidade.

A abordagem proposta pelas autoras não ajudam os alunos a conhecerem de fato e de direito o texto dramático, nem sequer possibilita a tomar gosto pelo gênero. Além do mais o LDP não propõe novas leituras do texto dramático, e embaralha a cabeça do estudante, pois

mistura vários gêneros textuais. Mas então, pensando numa sequência didática o que podemos fazer em sala de aula?

UMA PROPOSTA PARA “DUPLO ASSALTO”

O professor em sala de aula não pode se limitar ao LDP e deve realizar um trabalho mais consistente com o gênero dramático, apresentando textos e atividades concernentes aos alunos para que eles tomem gosto e se apropriem da linguagem de forma clara e objetiva. Assim, sugerimos uma sequência didática baseado no texto *Duplo assalto*, de Max Nunes possibilitando ao docente um trabalho mais proveitoso com o corpo discente.

Podemos começar o estudo do texto dramático com um levantamento de hipóteses, por exemplo, começando com o título “*Duplo assalto*”, perguntando se os alunos tem ideia do que pode tratar o texto. Deve-se ouvir as diversas ideias dos alunos. Essas expectativas a partir do título através dos alunos são consubstanciais, pois conforme Jauss (1979) leva a envolver o sentido que será dado pelo leitor ao texto, sendo este configurado no seu processo histórico, na sua consciência que revela a experiência adquirida de uma obra literária. Depois, o professor entrega o texto e pede para que a turma realize uma leitura silenciosa, para em seguida, fazer uma leitura em voz alta. Ao final da leitura pode-se abrir um debate sobre o que foi lido e trazer a discussão do fictício para a realidade.

Após as leituras, o docente deve começar o estudo do gênero dramático, apresentando a sua estrutura e suas principais formas dramáticas, ou seja, a comédia, o drama, e a tragédia. Para possibilitar um conhecimento mais apurado, o professor pode trazer e realizar a leitura de outros textos dramáticos, por exemplo: *Trupizupe o raio da silibrina*, de Bráulio Tavares e *A festa do rei*, de Racine Santos, pois de certa forma abordam a mesma temática do texto em estudo *Duplo assalto*. Importante ressaltar que os textos sugeridos devem ser lidos na íntegra, para evitar distorções e problemas de compreensão e interpretação.

Diante do exposto, partiremos para a produção textual e exigirá de todos: planejamento, escrita, avaliação e reescritura com o propósito de fazer o melhor, de sentir prazer pela produção realizada. Para tanto, como auxílio, o professor pode sugerir no entrelaçamento entre os textos dramáticos lidos pelos alunos que: possam realizar a adaptação do texto dramático *Duplo assalto* para a realidade da comunidade; proponham um novo final para o texto *Duplo assalto* e que escolham um dos textos dramáticos estudados para realizar uma leitura dramatizada para a comunidade escolar, produzindo um possível debate.

Além da leitura dramatizada poderia haver uma encenação. Segundo Lúcio:

Na escola, a literatura dramática e a encenação devem aparecer com esta característica questionadora (...). Por este viés, acreditamos no trabalho com o texto dramático na sala de aula, como literatura, e também na encenação feita por crianças e jovens, como prática educativa. (LÚCIO, 2005, p.43)

Nesta perspectiva, o educando terá possibilidades que vão lhe dar gosto, vai levá-los a novos mundos, ampliará o potencial existente de cada um e poderá de acordo com Pinheiro (2005, p.10) “a partir de uma experiência escolar, bem conduzida, olhar com olhos novos as tantas manifestações da cultura popular que possam estar bem próximas deles, mas que não tiveram olhos para ver, ouvidos para ouvir”. Assim, teremos quiçá uma explosão de sentimentos, uma transcendência no ensino e aprendizagem, um exercício da cidadania.

CONSIDERAÇÕES

Durante todo o processo, verificamos que o LDP analisado apresentou um déficit enorme com relação à abordagem do texto dramático, além de misturar no estudo proposto outros gêneros que com certeza confundirá os alunos e assim não trará benefício nenhum a comunidade escolar. Além do mais, as informações sobre o gênero dramático foram superficiais, fazendo com que o professor não tenha subsídios suficientes para estimular o aluno na leitura, na escrita, mais ainda impossibilitando que o discente discorra de forma aberta, clara e livre o que apreendeu através de uma produção textual.

Notadamente, o texto dramático pode contribuir e muito para a harmonia em sala de aula, para desenvolver habilidades e competências na escrita, na leitura, para possibilitar uma integração na turma, para quebrar a timidez, para evitar o bullying. Neste sentido, uma sequência didática com o gênero dramático vai abrir novos horizontes aos alunos, pois eles terão a possibilidade de refletir com os textos dramáticos suas realidades, confrontá-las, e encontrar possíveis soluções.

Portanto, o professor não precisa descartar o LDP, mas deve sim produzir uma sequência didática utilizando algumas sugestões, sempre focando os objetivos essenciais dos discentes. Assim, nossa sugestão para esse estudo, deseja que o docente tenha uma práxis interativa e de qualidade, fazendo com que os alunos despertem seu potencial, bem como vejam novos caminhos na educação e na cultura.

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Teatro*. In: *Parâmetros curriculares nacionais: Arte*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.p. 88-94.
- DELMANTO, Dileta e CASTRO, Maria da Conceição. *Português: Ideias & linguagens*. 8º ano. 13 ed.reform. São Paulo: Saraiva, 2009.
- DOMINGUEZ, José Antonio. *Teatro e educação: uma pesquisa*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1978.
- JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: COSTA LIMA, L. (org.). *A literatura e o leitor, textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PINHEIRO, Hélder. Duas ausências. In: LUCIO, Ana Cristina Marinho (org). *Teatro infantil e cultura popular*. Campina Grande: Bagagem, 2005.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária - prosa II*. 20 ed.. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- REVERBEL, Olga. *O texto no palco*. Porto Alegre: Editora Kuarup, 1993.
- SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo & Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2007.